

Treze continua buscando novos reforços para a Taça de Ouro



Flávio deve voltar

Campina Grande, (Succursal) - Depois de acertar com o Botafogo o pagamento do passe do goleiro Hélio Show, de forma parcelada, o Treze intensificará esta semana as conversações com algumas agremiações, a fim de contratar outros reforços para fortalecer o time com vistas ao Campeonato Brasileiro.

O impasse criado junto ao Fluminense, com relação ao retorno do zagueiro Flávio - em função do alto preço pedido pelo clube carioca para renovar o seu empréstimo - os dirigentes acreditam que tudo será resolvido esta semana, pois, o próprio jogador, que está gozando férias no Rio, procurou a diretoria do clube e pediu para facilitar a sua volta, por considerar que esteve muito bem no Treze em 81, e pretende disputar a Taça de Ouro defendendo o clube campinense.

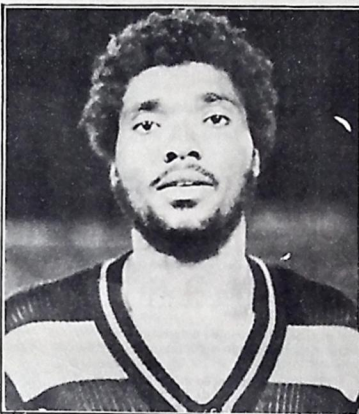
O Supervisor José Santos, responsável pelos entendimentos no tocante as contratações de reforços, voltou a afirmar ontem, que a cada dia fica mais difícil encontrar jogadores bons, em virtude da alta pedida dos clubes e também pelo fato deles sempre exigirem salários fabulosos, como ocorreu com o centro-avante João Paulo.

Aurino ainda não acertou com Zé Lima

Campina Grande, (Succursal) - Embora o diálogo tenha sido reatado desde a semana passada, o treinador Zé Lima que a princípio havia concordado em retornar ao Campinense, ainda não chegou a um acordo com o rubro-negro, em função da proposta oferecida pelo presidente José Aurino não ter correspondido às suas expectativas.

As pretensões do presidente José Aurino, é montar uma equipe de trabalho composta por José Lima, Zezinho Biapino, Edvaldo Araújo, para dirigir o time na Taça de Prata. Somente Zé Lima não chegou a um acordo. Segundo informou, o Nacional de Patos ofereceu uma proposta tendente a ex-técnico do Auto Esporte.

As pretensões do presidente José Aurino, é montar uma equipe de trabalho composta por José Lima, Zezinho Biapino, Edvaldo Araújo, para dirigir o time na Taça de Prata. Somente Zé Lima não chegou a um acordo. Segundo informou, o Nacional de Patos ofereceu uma proposta tendente a ex-técnico do Auto Esporte.



Timbó ficará na Campinense na temporada 82

contratos de vários jogadores, José Aurino está sondando o mercado, na tentativa de contratar reforços para o time disputar a Taça de Prata. Os jogadores Jorge

Licio, Zé Carlos e Timbó, que havia demonstrado interesse em deixar o clube, já acertaram a permanência no rubro-negro nesta nova temporada.



Nelson - caído no lance - deverá receber os 15 por cento do Fortaleza e se transferir para o Ceará

Fortaleza concorda em pagar os 15 por cento ao jogador Néelson

O Fortaleza, ao que parece, concordou em pagar os 15 por cento do volante Néelson tem direito e ainda esta semana deverá concluir a transação com o Botafogo, devendo o atleta se transferir definitivamente para o Ceará, a fim de disputar o Campeonato Brasileiro. Foi o que revelou um dos membros da Junta Governativa do clube.

O grande problema para a definição da transação, era exatamente com relação ao pagamento dos 15 por cento do jogador. Segundo informaram, Néelson já havia acertado o seu novo contrato com Fortaleza, sem nenhum problema. Com o Ferrovário, ainda não foi concluído os entendimentos para a venda do ponta Janagada, cujo empréstimo termi-

nou no dia 31 de dezembro. Ao tempo em que esperam resolver os problemas ligados aos atletas que defendem outros clubes e cujo passe pertence ao Botafogo, os dirigentes estão otimistas com relação a negociação dos atletas que ainda estão vinculados ao tricolor, e que estão sendo pretendidos por algumas agremiações para disputarem o Certame

Mora dedica o título a João Carlos

São Paulo - O corredor colombiano Victor Mora, vencedor da São Silvestre, disputada na última quinta-feira, dedicou o título a sua família e também ao campeão olímpico João Carlos de Oliveira que encontra-se recuperando de um acidente automobilístico, ocorrido no dia 22 de dezembro.

Victor disse que sua vitória foi muito importante, sobretudo que a Corrida de São Silvestre a cada ano que passa vai se tornando uma das maiores provas do mundo, o que comprova com a participação de tantos atletas do exterior. O brasileiro José João da Silva lamentou muito não ter repetido a dose, mas garantiu que na próxima maratona o título voltará para o Brasil.

REVANCHE

A equipe formada pelos membros da Família Félix venceu o jogo revanche, contra o Enarg, partida realizada no campo do adversário, por 5 a 1, com gols de Demilson, Denilson, Tarcísio, Tiago e Inaldo, cabendo a Almir descontar para os vencidos. Na primeira partida a Enarg saiu derrotada por 3 a 1.

O jogo foi bastante disputado, mas um fato curioso registrou-se após a marcação do quinto gol. O time comandado por Miro retirou-se de campo temendo uma goleada maior, o que deixou os presentes decepcionados. A equipe da Família Félix jogou e venceu com Eduardo II (Eduardo I), Inaldo II, Tarcísio, Lula, Demilson, Denilson, Lenini (Tiago), Pé com Pano (Inaldo I).

Botafogo não perderá Normando

Os dirigentes do Botafogo acreditam que poderão resolver também neste início de janeiro o problema relacionado com o meio-campo Normando, cujo passe está em discussão com o Baraúnas de Mossoró, que pretende levar o atleta em definitivo, sem pagar o seu atestado liberatório, em função de um erro da Federação Paraibana de Futebol, que transferiu o jogador sem a devida autorização do Botafogo.

O Advogado Sílvio Tô, membro da Junta Governativa, disse que não tem dúvida com relação ao jogador ser negociado: "Se o Baraúnas quiser permanecer com Normando, terá de pagar o preço do seu passe, pois, ele não sairá 'de graça' do Botafogo. A FPF o transferiu sem a nossa autorização e, portanto, seu passe nos pertence, ainda como amador. Nenhum clube pode assinar seu contrato de profissional, a não ser o Botafogo".

Sílvio no entanto acredita que o impasse seja resolvido sem maiores manobras, pelo fato do Botafogo sempre ter se entendido bem com a diretoria do Baraúnas, "e não seria desta vez que o clube do Rio Grande do Norte fizesse questão de perder nossa amizade e consideração. O atleta é nosso e só podemos negociá-lo acertadamente", ressaltou.



Os jogadores do Auto terão a concentração em fevereiro

Concentração do Auto vai ficar pronta em fevereiro

Depois de uma semana intensa de trabalho, limpando o terreno, demarcando e cercando-o, os dirigentes do Auto Esporte vão depositar cerca de 18 mil tijolos esta semana, para dar o início a construção da concentração do clube, cuja meta prioritária da direção alvi-rubra, é cuidar do patrimônio aproveitado o período em que a agremiação ficará afastada das competições oficiais.

Segundo os membros do Departamento de Patrimônio do Auto, a concentração deverá ser construída até o mês de fevereiro, pois, trata-se de um projeto simples. A sede-concentração constará de quartos para a instalação de beliches, sala de estar, cozinha, refeitório e departamento médico. Concluída esta etapa, será dado início ao trabalho de construção do campo de treinos.

O treinador Evilásio Fissory, que havia acertado a sua permanência no Guarabira, depois de ter realizado uma boa campanha, classificando o time para o quadrangular decisivo do terceiro turno do Campeonato Paraibano, deverá acertar ainda esta semana com os dirigentes guarabirenses a sua rescisão. Fissory recebeu uma proposta vantajosa do Auto Esporte e resolveu aceitá-la.

Renovação de Roberto começa a preocupar dirigentes do Vasco

Rio - Os jogadores do Vasco da Gama se apresentam amanhã pela manhã, quando então será iniciado a temporada 82. O time cruzmaltino estréia no dia 17, contra o Santos, no Morumbi. Nestes primeiros dias será realizado um trabalho de musculação com Ivair Machado. Os jogadores viajarão para Friburgo no dia 8.

dos dirigentes do Vasco neste início de temporada é com relação ao centroavante Roberto Dinamite. O jogador tem contrato com o clube até o final deste mês e os dirigentes acreditam que Roberto, ganhando atualmente entre 300 e 350 mil mensais, deverá pedir mais de 100 por cento de aumento. Antonio Soares Caçada disse que a renovação do contrato do atleta não será problema:

Toda renovação de contrato sempre cria pequenos problemas, o que é muito natural no futebol brasileiro. Não temos interesse em desfazer do nosso melhor jogador e tenho certeza que Roberto continuará no Vasco da Gama. Na próxima semana os entendimentos para a sua renovação serão mantidos, pois pretendemos renová-lo muito antes do término do contrato atual, enfatizou.

Flamengo não aceita emprestar o meio-campista Peu para o Náutico

A tentativa do Náutico em contratar o ponta de lança Peu, do Flamengo foi frustrada, uma vez que os dirigentes do clube da Gávea não pretendem negociar o jogador nem por empréstimo sobretudo que ele está nos planos do treinador Paulo César Carpegiani

para esta temporada. O vice de futebol, Eduardo Mota garantiu que nenhum jogador do Mengo será negociado, desde é claro que o técnico o autorize.

A renovação do contrato de Tita já está bem encaminhada e nos próximos dias o jogador deverá assinar seu contrato com o Flamengo, sobretudo que o próprio atleta não tem interesse nenhum em deixar o clube. Outro caso a ser resolvido é o de Zico, apesar do craque ter contrato até maio, os dirigentes deverão ainda este mês entrar em entendimentos com o procurador do Galinho de Quintino.

nar seu contrato com o Flamengo, sobretudo que o próprio atleta não tem interesse nenhum em deixar o clube. Outro caso a ser resolvido é o de Zico, apesar do craque ter contrato até maio, os dirigentes deverão ainda este mês entrar em entendimentos com o procurador do Galinho de Quintino.

Adílio poderá ser a novidade da Seleção para jogo em Natal

São Paulo - O treinador Telê Santana deverá convocar os mesmos jogadores que tem chamado em outras ocasiões, muito embora comente-se que Adílio seja um dos prováveis a ser convocado, sobretudo pelo seu grande desempenho no

Campeonato Brasileiro Waldir Peres, Paulo Sérgio, Leandro, Perivaldo, Oscar, Luisinho, Edinho, Júnior, Cerezo, Zico, Sácrates, Renato, Rocha, Roberto Dinamite, Paulo Isidoro, Serginho, Mário Sérgio e Eder. O time titular é o mesmo que enfrentou a Bulgária, em Porto Alegre.

Campeonato Brasileiro Waldir Peres, Paulo Sérgio, Leandro, Perivaldo, Oscar, Luisinho, Edinho, Júnior, Cerezo, Zico, Sácrates, Renato, Rocha, Roberto Dinamite, Paulo Isidoro, Serginho, Mário Sérgio e Eder. O time titular é o mesmo que enfrentou a Bulgária, em Porto Alegre.

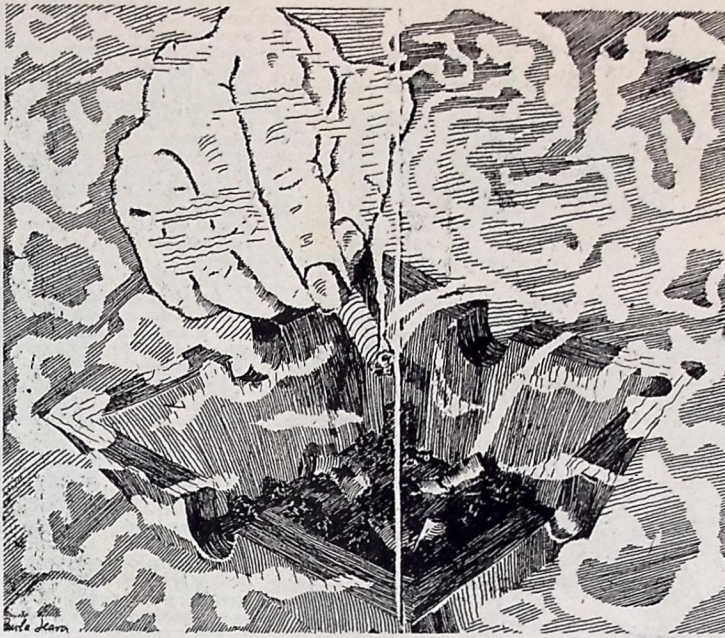
O Brasil poderá conseguir sua autonomia na produção de fumo oriental, considerado o melhor do mundo, se forem concretizadas as expectativas da Companhia Souza Cruz, que está investindo, com know-how genuinamente brasileiro, nos municípios de Santa Luzia, Patos, Várzea, São Mamede e São José do Sabují.

É em Santa Luzia que está sendo cultivada a maior lavoura de fumo oriental, suplantando, até, a do principal produto da Paraíba: o algodão. Atualmente, a Souza Cruz, principal interessada nesse tipo de cultura, financia tudo sem juros e ainda repassa para o agricultor descontos por ela obtidos na aquisição de máquinas, motores, defensivos e material de irrigação.

A Souza Cruz também investe em outros Estados do Nordeste, mas é na Paraíba que tem, atualmente, a maior lavoura do fumo oriental. O projeto é sediado no município de Patos, por ser a única de todas as cidades situada na periferia das áreas aprovadas para o plantio, e que oferece condições estruturais mínimas, como por exemplo água abundante, recursos humanos, condições de arenagem, não de obra mecânica e organização econômico-financeira.

O fumo oriental é originário da Turquia e Grécia e caracteriza-se pelas suas exigências de solo árido e arenoso e de áreas onde é baixa a pluviosidade. A Paraíba tem, exatamente, o que a Souza Cruz precisava para por em prática o projeto.

Se hoje perguntassem qual o principal produto da Paraíba, provavelmente alguém responderia: o algodão. Mas não é verdade. O que muita gente desconhece é que na Paraíba, especificamente no município de Santa Luzia, existe a maior lavoura de fumo oriental do mundo desenvolvida com know-how genuinamente brasileiro, hoje exportado pela Souza Cruz, que está investindo em nosso Estado. Mas alguém poderia perguntar: por que logo a Paraíba, um dos Estados mais pobres do Nordeste, não possui bom solo, e, além disso, também é assolada pela estiagem? A resposta é simples. O fumo oriental, originário da Turquia e Grécia, caracteriza-se justamente pelas suas exigências de solo árido e arenoso e de áreas onde há baixa pluviosidade. Daí porque a Souza Cruz, de posse dessas informações sobre a Paraíba, iniciou, em 1972, o ensino do cultivo experimental do fumo oriental nos municípios de Santa Luzia, Patos, Várzea, São Mamede e São José do Sabují, que



FUMO

Paraíba torna Brasil o maior produtor do mundo

Texto de Gisa Veiga

hoje formam as sete zonas de instrução que a Companhia mantém. A experiência deu certo. E, atualmente, a Souza Cruz, principal interessada nesse tipo de cultura, financia tudo sem juros, e ainda repassa para o agricultor descontos por ela obtidos na aquisição de máquinas, motores, defensivos e material de irrigação por espersão e secagem, inclusive com assistência técnica gratuita. Mas não apenas o Estado da Paraíba é o único alvo daquela Companhia, mas outros Estados do Nordeste. Mas é na Paraíba que a maior esperança é montada para o sucesso, que prevê que, em 1984, o Brasil já tenha conseguido sua autossuficiência nesse tipo de fumo, considerado o melhor do mundo. Outra perspectiva é que, a partir de 1985, o Brasil passe a exportar o produto, com garantias de sucesso. Na Paraíba, o projeto é sediado no município de Patos, por ser a única de todas as cidades situadas na periferia das áreas aprovadas para o plantio, que oferece condições estruturais

mínimas, como por exemplo água abundante, recursos humanos, condições de armazenagem, mão de obra mecânica e organização econômico-financeira. Mas é no município de Santa Luzia, onde existe a maior lavoura de fumo oriental do mundo. São oito hectares cultivados pelo agricultor Cândido Augusto Damasceno, que começou a plantar em 1973 e hoje tem um milhão e 600 mil pés, além de existirem outros agricultores que se dedicam à plantação de fumo oriental. Até dezembro de 81, Cândido colheu, aproximadamente duas safras de oito toneladas cada. Esses 16 mil quilos de fumo representam um faturamento de quase Cr\$ 4 milhões, independente de estiagem. O projeto, em operação desde 1972, na realidade começou em 60, 1960, quando a Souza Cruz trabalhou, de Alagoas ao Maranhão primeiro pesquisando as zonas mais populosas do campo e, em seguida, as áreas de clima mais adequado ao cultivo do fumo oriental.

Foram, portanto, consideradas a oferta de mão-de-obra, a indicação de irrigação das regiões secas e as vantagens de uso das áreas excessivamente chuvosas, que retardam os programas de plantio. Esse tipo de fumo, já garantiu a reputação internacional de excelente qualidade em relação aos melhores tipos desse fumo aromático no mundo. O Brasil, antes de pensar em ser o primeiro produtor mundial, já era o maior produtor de oriental na América do Sul, à Frente do Chile e Venezuela, cada um com 20 a 30 toneladas anuais de má qualidade. Enquanto isso, os Estados Unidos, que há um século são os maiores consumidores de fumo oriental, desistiram de produzi-lo, depois de cinquenta anos de tentativas. Por sua vez, o agricultor nordestino desenvolve o seu Know how, realizando inovações significativas, inclusive no sistema de fermentação, hoje tão avançado que a própria Grécia pretende adotá-lo por ser o mais econômico do mundo.

A técnica para vender mais cigarros

O produto que mais vende no Brasil chama-se cigarro", diz um diretor de agência de propaganda. E as empresas fumageiras apostam na publicidade de modo agressivo. A Companhia Souza Cruz, que detém 83% do mercado, foi a empresa que mais gastou em publicidade no ano de 1980 - 802 milhões de cruzeiros.

Para as duas outras grandes empresas que, como a Souza Cruz, disputam a maior parte do mercado, o volume gasto com publicidade é "relativamente absoluto". Porém, de acordo com a revista "Marketing & Mensagem", especializada em marketing, em 1979 a R. J. Reynolds ocupou o 2º lugar entre os 200 maiores anunciantes brasileiros, com um volume de 280 milhões de cruzeiros, enquanto a Philip Morris é a 11ª, com gastos de 230 milhões em publicidade.

"O sucesso", "Um raro prazer", "A decisão inteligente", "Mas pelo seu dinheiro", "O fim que satisfaz", "Para quem sabe o que quer" ou "Para quem tem bom gosto" - as slogans das marcas de cigarro entram para valer na "batalha" da profusão dos fumantes. "É uma verdadeira briga pela mente do consumidor", diz um gerente de marketing. E não é para menos, pois o mapa de cigarro, na verdade, é a única marca que o fumante carrega consigo todos os dias.

Cada marca tem o seu estilo, sua personalidade. E a luta pela participação no mercado desse produto tem sido estudada para expor os pontos "bócio", como dizem os publicitários. Os apelos são os mais variados, reforçando o status, a juventude, a alegria de viver e as horas de lazer. Mas quando o produto é lançado, sua própria linha já está definida.

Cada cigarro tem a sua mídia (veículo de divulgação) de acordo com o seu target (faixa do mercado que se quer atingir). O diretor de agência de publicidade da Souza Cruz, E. Gomes, responsável pelas marcas Souza Cruz, E. Gomes e investimento é caro - segundo o presidente de uma agência de propaganda, não se gasta menos de 100 milhões de cruzeiros para uma campanha de lançamento de nova marca - uma bateria de testes precede qualquer tentativa de decidir mais ainda o mercado.

De acordo com o coordenador de Marcas da Souza Cruz, Oscar Bonilha, o lançamento de um cigarro obedece a duas fases. "Primeiro há a experimentação do consumidor; depois, a adoção, se a expectativa que o levou à experimentação for respondida". Todo esse processo é acompanhado por campanhas publicitárias espalhadas por setores de mercado que buscam um perfil dos que votaram ou poderão optar pela nova marca. E já existem conhecidos mercados-testes para isso, como Curitiba, Campinas e Brasília, cidades consideradas "heterogêneas" e ideais para estes tipos de lançamentos.

Quando a Philip Morris lançou o "Galaxy" em junho de 1978, o primeiro cigarro de baixo teor de alcatrão e nicotina, a empresa estava certa de seu sucesso, pois fizera um ampla pesquisa sobre o fumante brasileiro. E foi aí que descobriu novas tendências: a pesquisa mostrou que uma parcela de 2 a 4% dos fumantes já conhecia o "light" - sucesso na Europa e Estados Unidos - e pretendia fumar algo mais suave do que havia no mercado.

Mas que isso - lembra o vice-presidente de marketing da Philip Morris, Nelson Hornes de Melo - a pesquisa revelou que havia uma maior preocupação com a saúde, iniciava-se a febre do "cigarro" e o público estava disposto a mudanças de comportamento. Com base nessa pesquisa, Leo Burnett Publicidade fez a propaganda da nova marca apelando para "A maneira inteligente de cortar a nicotina do seu cigarro".

Mas não é apenas de lançamentos que vive a propaganda de cigarros. Há as chamadas campanhas de reforço, ou para manter a marca. Como a feita nos out-doo's, jornais e revistas sobre a "Adaptação". Uma delas, feita em uma estação de um ex-corredor de automóvel explicando porque fumava aquela marca.

Para os publicitários, descobrir o tema certo não é suficiente para atingir o seu target. "Tudo é importante, desde a distribuição até a embalagem e distribuição. Qualquer coisa pode agir favoravelmente ou desfavoravelmente de acordo com o perfil do consumidor", diz o diretor de agência, citando os cigarros que desapareceram como "Commander" e "Moror" ou mesmo os "serenos", como o "Mora".

Os chamados cigarros negros são tipos especiais de "modernos" e foram lançados na década de 60 e 70. "Kajal", "Royal" e "Luz" são de série acabou, os cigarros também praticamente desapareceram. No entanto, este tipo de propaganda, que não usa nem slogans nem imagens mais dignas, também tem funcionado para os "serenos". É o merchandising, usado principalmente em cinema, onde aparece o ator brincando com a marca no má. A atriz atende um telefone e lá está o novo, em cima de mesa, do lado do ator.

Há alguns anos, o principal meio de merchandising era a televisão. Segundo uma empresa lançadora da TV Ucp, era costume enviar o próprio sinopse da novela para o departamento de mídia da indústria de cigarro para se estudar o perfil da audiência por região, escolher se o marca que cada ator fumava. Hoje um tempo em que o ator e o diretor da novela recebem 10% do preço cobrado - 250 mil cruzeiros em média - a cada vez que o produto aparece, sorrateiramente, no vídeo.

Hoje, no entanto, nem os fabricantes e nem as empresas de televisão admitem a existência de merchandising de cigarros. Entretanto, as propagandas do produto são frequentes em formatos de filmes de televisão, em programas de rádio, em móveis, onde as marcas ficam visíveis no vídeo a qualquer movimentação dos espectadores.

A mídia preferida das indústrias de cigarros é a televisão. A Souza Cruz aplicou 312,3 milhões de cruzeiros neste veículo em 1979, ficando em segundo lugar entre as maiores correntes de TV. Em 1978, com 18 anos, as indústrias aumentaram em 10% a sua participação na propaganda de televisão.

Em 1979, a televisão recebeu 55,9% das verbas publicitárias das indústrias. No entanto, a participação de cada vez maior, para ser se prova a propagação de cigarros na televisão. Para os publicitários e diretores das indústrias fumageiras, esta estratégia é a mais inovadora, além do que "é preciso respeitar a liberdade de informação", como já se viu em outras ocasiões. Para os publicitários mais conscientes, o código de auto-regulamentação publicitária criado durante o III Congresso Brasileiro de Propaganda, em 1978, "é suficiente para disciplinar a mídia e merchandising de cigarros, não há necessidade de questionar a venda de fumo ao ser transmitido depois das 21 horas. No entanto, não há censura não é obtida nas chamadas de programação especiais que têm o patrocínio de cigarros e que aparecem a cada intervalo da programação, não importa a hora.

POR UM REPERTÓRIO NO TEATRO

• CARLOS ANTÔNIO ARANHA



Há muito o que discutir em termos de informação cultural, de base, quando um dos negócios fundamentais de 82 é renovar o teatro da cidade. Curar, salvar, libertar, propor. C teatro, uma linguagem teatral, uma estética, um modo político. Nisso uma questão a atacar com urgência é a de repertório. Leituras em círculos (dezenas e dezenas, quanto mais melhor), montagens, debates, para que a autoria teatral seja conhecida em seu todo, passado e futuro. O presente sempre é apenas um ponto de referência.

Eis que o repertório (muito também) deixa que o teatro seja vivo. A questão de dinheiro para produção é importante sim, mas deve ser mirada como o teto do edifício. O primeiro passo é errancar o matão do terreno, limpar toda a área, cavar os buracos e garantir a solidez dos alicerces.

Preparar voz, respiração, empastação, corpo, mente aberta, expressão, informação cultural. Dar técnica para que haja estética. Provocar estética para que a razão fundamental do texto - política ou não, religiosa ou não, mística ou não, primordialmente filosófica ou não - seja colocada no palco com sabor de perfeição.

Não há forma sem conteúdo. Mas também não há conteúdo sem forma. Algo mais ou menos parecido assim como acima e abaixo.

Sobre e sob. Assim na terra como no céu. Claro que isso é um velho papo. No entanto, tornado novo novamente porque o índice de informação cultural deste país caiu tanto nos últimos quatorze anos que a questão deve voltar, a todo vapor, para que o clima de alienação, de afastamento da realidade, seja superado.

A discussão cultural inces-

sante deve voltar e circular entre os artistas que não discutem, ou desconhecem absolutamente, coisas como as razões poético-políticas de Maiakóvsky; as discussões culturais realizadas e editadas na ilha de Cuba na primeira metade dos anos 60 (incluindo visita de Jean-Luc Godard a Havana e intervenções culturais de Ernesto Guevara: os lados menos conhecidos do cineasta e do guerrilheiro); o pensamento e textos riquíssimos de Brecht; a percepção política na produção geral de Paulo Pontes; o Modernismo; o Tropicalismo; latinos e gregos; a dramaturgia shakespeariana e suas atuais extensões; as propostas de Grotowsky; toda a cultura pop anglo-americana dos sessentas. E etc.

A informação histórica, como a ideologia de trabalho, é um dado básico para que o teatro viva. Num processo de conhecimento paralelo ao aprendizado da linguagem. Spot é spot. Foco de Luz é foco de luz. Respiração abdominal é respiração abdominal. *Tartufo* é *Tartufo*. Coringa é coringa. Distanciamento é distanciamento. Sem a aproximação profunda dentro da linguagem teatral específica, a única noção concreta que fica de teatro é a de palco-e-platêia. Com uma limitação tão grande, o que às vezes pode acontecer? O assassinato de um texto como, por exemplo, *Aquele que Diz Sim*, *Aquele que Diz Não*, de Brecht. Porque montar Brecht sem mergulhar na profundidade de linguagem brechtiana, sem revisar Brecht politicamente, é a mesma coisa que tentar montar *Rogério*, do paraibano Orris Soares, sem conhecer o clima geral em torno (antes e depois) do Modernismo.

Quem começa a fazer teatro hoje, que tipo de linguagem

carrega nas costas como experiência? Uma linguagem distante da experiência teatral, de sua história. Aquele que começa agora o teatro, e que traz sua identidade no começo dos 20 anos, usa o olho da TV. Vê o vídeo em tudo. É o homem intoxicado, com todas suas extensões. Filho fraco do meio e da mensagem segundo Macluhan. É quando você vê uma peça com a nova atriz copiando o dialeto e o corpo usado em *Brilhante e Jogo da Vida*, numa gradual perda de identidade que faz tremer o coração na lembrança de uma possível caminhada, em ritmo de ficção/realidade, para o 1984 de Orwell. Quarta-feira passada, no primeiro andar da Lobrás, usando um telefone público, uma menina de uma idade que podia ser 13 ou 15 anos dava um show de televisão na vida. Ela telefonava para a mãe pedindo esclarecimentos sobre que tipo exato de compra devia fazer. Quando sentiu que tinha um pequeno público (a fila dos outros que esperavam também telefonar, por mim encabeçada), a menina começou a falar alto demais e gesticular como um dos mais idiotas personagens femininos do *Jogo da Vida*. O vídeo na vida, na Lobrás, no telefone. Esta é a geração que, de uma e outra maneira, chega ao teatro. Bombardeada.

Não por estrelas de Jorge Mautner, mas pelo lixo cultural das novelas, pela *subfunky-discoteque da Geração 80* e pelo sucesso hollywoodiano do último comercial que a Globo apresentou em 81 (que foi o primeiro de 82) cantando a canção e a cara de Elton John.

Lixo cultural total. Como resistir? Lembrando os romens-livros que Ray Bradbury concedeu para *Fahrenheit 451*?

No teatro, o verbo não é re-

stituir. É recomeçar. Renascer. Aprender e ensinar tudo novamente. A luz, o contra-regra, a voz, a carpintaria, a base no rosto, a marcação, Martins Pena, a associação, o relax, tanto mais. Nisto, o curso é fundamental. Ninguém e nenhuma estrutura, oficial ou não, repetiu ou fez coisa semelhante, até agora; falo do curso que a UFPb apoiou e foi ministrado no antigo Departamento Cultural, na Princesa Isabel, sob coordenação de Leslie Mcaney. Curso que no primeiro ano provocou a montagem de cenas, no mesmo espetáculo, de Ionesco, Shakespeare, Miller, O'Neill, e no segundo ano um excepcional momento de Anouilh: *A Cotovia*. Anos que deixaram base técnica.

Aprender, ensinar, discutir repertório. No ano que terminou, mais uma vez houve pobreza de informação cultural, de história, experiência e repertório. Por exemplo, entre todos os espetáculos apresentados em João Pessoa somente dois eram com textos colocados dentro desse conceito de repertório: *Os Fuzis da Senhora Carrar*, de Brecht, por um grupo de Natal, e *Os Cegos*, de Ghelderode, por um grupo de Jaboatão.

Alguém pode afirmar: o retorno ao chamado teatro de repertório é um retrocesso e chega a desestimular o aparecimento e a produção de autores paraibanos. Em verdade, não é um retrocesso, porque o retrocesso aconteceu exatamente quando toda uma experimentação cultural, política e estética, foi cortada com a junta que governou o país a partir do final de 1968. Corte aprofundado com o governo de Médici. Após um retrocesso, só há um caminho: a retomada, o recomeço. E esta a etapa do Brasil 82. Quanto à autoria de textos lo-

O teatro chamado de repertório não é retrocesso. É um belo ponto de partida e, dentro da atual circunstância histórica, um começo revolucionário. Há empecilhos para que isso aconteça, obviamente. Os valores culturais e econômicos nesta sociedade foram arrumadinhos de tal maneira, nos últimos anos, que muitos colegas, artistas & intelectuais & jornalistas, torcem a boca, os olhos e o nariz, diante do uso de palavras como *revolucionário*, *intelectual*, *política*, *repertório*, *história*, *alienação*. O condicionamento existencial ao sistema que gera empregos e contratos os mais diversos a nível oficial ou parafiscal faz com que alguns desses artistas & intelectuais & jornalistas (que não foram substituídos ou completamente por uma geração mais jovem, justamente pela inexistência dessa geração) não consigam ainda - depois de tanto tempo - curar a ressaca do coquetel 68-Médici. De repente, o termo numa "nóce" passa a ter sentido e expressão, enquanto *revolucionário* passa a ser palavra chata e velha. Os mais condicionados ao oficialismo ou parafiscalismo absorvem de tal maneira a ideologia desse(s) sistema(s) que passam a considerar o uso de palavras tipo *intelectual* e *alienação* como uma manifestação de saudosismo.

Voltando especificamente ao teatro, pergunto: até que ponto ou em que o "novo" linguajar consagrado pela televisão renovou, melhorou ou salvou a linguagem teatral brasileira? Na Paraíba, então, a resposta é ainda mais crucial.

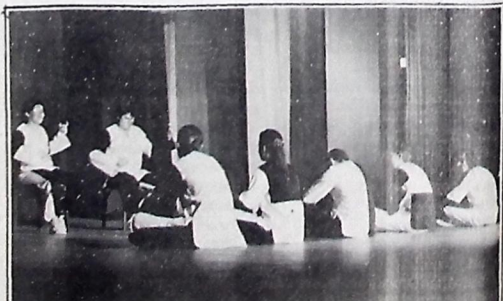
Está prevista para março a inauguração de um superequipado Espaço Cultural. Que Governo e artistas deixem de lado o lado obra em si e comecem a planejar o seu uso, conscientes



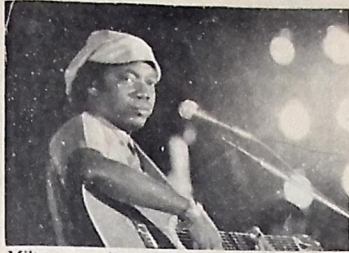
cais, lembro que os textos escritos por novos autores pré-junta de 68 acompanhavam a alta informação cultural de então. Um jovem autor como Marcos Tavares, por exemplo, ao lançar seu *Despertar do Medo*, em 1967, já vinha de uma total familiaridade com a linguagem de teatro (onde, inclusive, foi ator) e de um processo de autoria poética que fundia a experimentação de linguagem (Grupo Sanhaú) com a noção constante de participação política no ato cultural e vice-versa (geração do Cineclubes Charles Chaplin, no Lyceu Paraibano).

do saldo negativo da manifestação cultural brasileira na década anterior. Curando essa ressaca. É uma maneira (também) de recomeçar o teatro de cá. Não esquecendo a movimentação e o reforço dos espaços culturais anteriores, como a Piollin, a Juteca, o Santa Rôza, o DAC, o Lima Penante. E de criar e abrir outros espaços culturais. E teatrais.

Sobre e sob tudo, o repertório. Como ponto e estratégia de partida.



Egberto Gismonti fez o melhor disco de 81



Milton, o melhor cantor



Gal, a melhor cantora

Em família, de Egberto Gismonti, foi escolhido como o melhor disco de 1981 por críticos e produtores radiofônicos de João Pessoa. Dedicado ao filho Alexandre e à companheira Rejane Medeiros, o LP é um trabalho primoroso, que reafirma o talento do grande compositor e instrumentista brasileiro. Baseado em nove listas individuais, o listão com os melhores do ano destaca também Chico Buarque (compositor), Milton Nascimento (cantor), Gal Costa (cantora), MPB-4 (grupo), novamente Egberto Gismonti (instrumentista), Tadeu Mathias (revelação de cantor), Tetê Espinola (revelação de cantora), Bráulio Tavares (revelação de compositor) e Moraes Moreira (show).

Em termos de produções locais, vale destacar que em 1981 foi o ano da criação do Projeto Gazzi, idealizado pelo pianista Gerardo Parente, que constou inicialmente da realização de espetáculos semanais com artistas eruditos e populares, numa homenagem aos cinquenta anos da fundação da Escola de Música Anthoner Navarro e ao seu fundador, Gazzi de Sá. Vale ainda lembrar a realização dos shows *Sexta-Feira 13*, uma coletiva de música da Paraíba, e *De Volta*, que reuniu Tadeu Mathias, Ivan Santos, Bráulio Tavares e Célia de França. (Silvio Osias).

EM FAMÍLIA

EGBERTO GISMONTI & BRANQUINHO
PARA REJANE MEDEIROS

Em Família, o melhor disco

AS LISTAS

ALBERTO ARCELA
Crítico

1. *Som Brasil* Diversos Som Livre
2. *Em Família* Ariola
3. *Promessas do Sol* Grupo Uakti
4. *Samambaia* Ariola
5. *Almanaque* PolyGram
6. *Mário de Andrade: Poesia e Som* Diversos PolyGram
7. *Fantasia* Martinho da Vila
8. *Caçador de Mim* RCA
9. *Seduzir* Djavan
10. *Coisa Mais Maior de Grande* Odeon

CARLOS ANTÔNIO ARANHA
Compositor

1. *Fantasia Leiga Para um Rio Seco*
2. *Coisa Mais Maior de Grande*
3. *Em Família*
4. *Almanaque*
5. *Caçador de Mim*
6. *Traduzir-se*
7. *Cinco Sentidos*
8. *Outras Palavras*
9. *A Terceira Lámina*
10. *Eu Não Sou Dois*

CARMELIO REYNALDO
Crítico

1. *Coisa Mais Maior de Grande*
2. *Em Família*
3. *Samambaia*
4. *Construção e Respeito*
5. *A Vida do Viajante*
6. *Cabaret Mineiro*
7. *Traduzir-se*
8. *Caçador de Mim*
9. *Brasil*
10. *Solo*

Agberto Gismonti
Odeon

EDILSON BELLO
Programador Musical

1. *Caçador de Mim*
2. *Fantasia*
3. *Traduzir-se*
4. *Ney Matogrosso*
5. *Saúde*
6. *Cinco Sentidos*
7. *Romance Popular*
8. *Em Família*
9. *Sentimentos*
10. *Elba*

FRANCISCO (TICO) PINTO
Produtor radiofônico

1. *Almanaque*
2. *Cinco Sentidos*
3. *Wilson, Geraldo e Noel*
4. *A Terra é Naturá*
5. *Caçador de Mim*
6. *Essa é Sua Vida*
7. *Seduzir*
8. *Sentimentos*
9. *Outras Palavras*
10. *Valeu*

RICARDO ANÍSIO
Crítico

1. *Em Família*
2. *Almanaque*



Chico, o melhor compositor

3. *A Terra é Naturá*
4. *Coisa Mais Maior de Grande*
5. *Fantasia*
6. *Essa é Sua Vida*
7. *Samambaia*
8. *Inclinações Musicais*
9. *Clara*
10. *Força Positiva*

ROBERTO CARLOS DE OLIVEIRA
Produtor radiofônico

1. *Traduzir-se*
2. *Almanaque*
3. *Brasil*
4. *Massa, Raça e Emoção*
5. *Prá Incendiar seu Coração*
6. *A Terra é Naturá*
7. *Sentimentos*
8. *Roberto Carlos*
9. *Valeu*
10. *Ney Matogrosso*

SILVIO OSIAS
Crítico

1. *Fantasia Leiga Para um Rio Seco*
2. *Em Família*
3. *Almanaque*
4. *A Vida do Viajante*
5. *Brasil*
6. *Valsas e Serestas*
7. *Fantasia*
8. *Inclinações Musicais*
9. *Cinco Sentidos*
10. *Caçador de Mim*

WALTER GALVÃO
Crítico

1. *Em Família*
2. *Coisa Mais Maior de Grande*
3. *Cinco Sentidos*
4. *Almanaque*
5. *Outras Palavras*
6. *Luar*
7. *Caçador de Mim*
8. *Inclinações Musicais*
9. *Bomba de Estrélas*
10. *Seduzir*

OS MELHORES

DISCOS

1. *Em Família* Egberto Gismonti Odeon
2. *Almanaque* Chico Buarque Ariola
3. *Coisa Mais Maior de Grande* Luiz Gonzaga Jr. Odeon
4. *Caçador de Mim* Milton Nascimento Ariola
5. *Cinco Sentidos* Alceu Valença Ariola
6. *Traduzir-se* Fagner CBS
7. *Fantasia* Gal Costa PolyGram
8. *A Terra é Naturá* Patativa do Assaré CBS
9. *Fantasia Leiga Para um Rio Seco* Elomar Independente
10. *Samambaia* César Cango Mariano e Hélio Delmiro Odeon

5. *A Voz do Dono e o Dono da Voz* Chico Buarque
6. *Paçato Cidadão* Luiz Gonzaga Jr.
7. *Seduzir* Djavan
8. *Sinal de Amor e de Perigo* Patinhas e Capenga
9. *Cinco Sentidos* Alceu Valença
10. *Festa do Interior* Moraes Moreira/Abel Silva

COMPOSITORES

1. Chico Buarque
2. Caetano Veloso
3. Luiz Gonzaga Jr.

CANTORES

1. Milton Nascimento
2. Ney Matogrosso
3. Caetano Veloso

CANTORAS

1. Gal Costa
2. Zizi Possi
3. Simone

GRUPOS

1. MPB-4
2. Coral da Cultura Inglesa
3. Boca Livre

INSTRUMENTISTAS

1. Egberto Gismonti
2. Hélio Delmiro
3. Heraldo do Monte

Revelação de cantor: Tadeu Mathias
Revelação de cantora: Tetê Espinola
Revelação de compositor: Bráulio Tavares

SHOWS

1. Moraes Moreira
2. Gilberto Gil
3. Ney Matogrosso

MÚSICAS

1. *O Meu Guri* Chico Buarque
2. *Londrina* Arrigo Barnabé
3. *Nu Com a Minha Música* Caetano Veloso
4. *Caçador de Mim* Sérgio Magrão/ Lu's Carlos Sá
5. *O Amor* Caetano/Ney Costa Santos/Maikoyski

